Esclerose Múltipla - Sua relação com a função neural

Autor(res)

Gisele Cristina Lopes Couto Spiri
Marcela Dos Santos Biagis
Karina Carneiro Da Silva Rodrigues
Mel Cristhiny Rodrigues Roratto
Vitoria Fernandes Pedroso
Ana Laura Condori Calderon
Joseni Da Anunciação Moreira
Claudia Aparecida Correia
Larissa Almeida Duarte De Souza

Categoria do Trabalho

1

Instituição

UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO - OSASCO

Resumo

A esclerose múltipla (EM) é uma doença que provoca lesões no sistema nervoso central (cérebro, nervos ópticos e medula espinal), com sintomas que podem ser transitórios ou definitivos. A doença é provocada por uma reação autoimune direcionada a mielina, uma capa de gordura que cobre todas as nossas células nervosas. A bainha de mielina permite a condução dos impulsos elétricos ao longo da fibra nervosa com velocidade e precisão. No entanto, quando a bainha de mielina é lesionada, os nervos não conduzem os impulsos de forma adequada. Estudos indicam a existência de uma predisposição genética para o desenvolvimento da EM, sendo o risco de desenvolver a doença maior quando há histórico da doença na família. O tabagismo, a alimentação e deficiência de vitamina D são apontados como possíveis fatores que desencadeiam a doença. Afeta o sistema nervoso central, predominantemente o nervo óptico, a medula cervical, o tronco cerebral e a substância branca periventricular. Não é conhecida a razão para tal predileção, porém, pode haver relação com a distribuição vascular, o que permitiria maior concentração de citoquinas e células inflamatórias nessas regiões. As lesões são multifocais com evolução temporal diferente e variáveis em tamanho. A esclerose múltipla pode envolver qualquer parte do sistema nervoso central, de modo que a lista de sintomas e sinais pode ser infinita. Caracteristicamente a doença é descrita como disseminada no tempo e no espaço, o que implica comprometimento de diversas áreas do sistema nervoso central e em épocas diferentes. Evolui na maioria dos casos com exacerbações e remissões. Sendo classificada como Remitente-Recorrente (RR), Primária Progressiva (PP) e Secundária Progressiva (SP). Com a perda da mielina os impulsos nervosos ficam mais lentos e a pessoa pode sentir dificuldade em realizar determinadas ações ou em seus sentidos, como perda de força em um ou mais membros, perda de sensibilidade ou formigamentos, falta de coordenação, dificuldade para caminhar, perda ou dificuldade visual e até dificuldade em controlar a urina. Nas primeiras vezes que estes sintomas acontecem o organismo consegue interromper este dano, reduzindo a inflamação e produzindo uma nova capa de mielina, e por isso o indivíduo pode ter resolução completa destes sintomas em semanas a meses, muitas vezes atrasando o diagnóstico. Com o passar dos anos,

se não tratada, aí sim a doença pode deixar sequelas e cicatrizes permanentes.